



# A CRISE DE CHUTEIRAS

| POR BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA

A crise da FIFA chocou a opinião pública mundial. De que forma uma entidade que nasceu imbuída do espírito associativo, e com o suposto propósito de congregar povos, chegou a esse estado de coisas?

**O** processo investigativo deflagrado no último mês de maio pela Justiça estadunidense contra a FIFA, entidade máxima do futebol profissional, estarreceu a opinião pública. O encarceramento preventivo de diversos membros de seu Comitê Executivo, sob suspeitas de propina e compra de votos, incluindo um dirigente brasileiro, colocou no limbo o mais internacionalizado dos esportes e o alçou ao epicentro do que parece ser uma crise de legitimidade institucional sem precedentes.

Por seu caráter plenipotenciário, a FIFA historicamente conquistou uma hegemonia que a levou a assumir uma feição progressivamente autocrática na organização da Copa do Mundo, conforme foi possível acompanhar nos preparativos do mundial de 2014, no Brasil. Tal postura gerou reações negativas da opinião pública, desencadeou atritos com governos nacionais, provocou desconfiças das comunidades partícipes das competições quadrienais e motivou o FBI (*Federal Bureau of Investigation*) a trazer à tona uma série de investigações sobre ações supostamente fraudulentas de presidentes de federações.

Nesse contexto, a dimensão da crise poderá ser aquilatada nos próximos meses caso, de fato, entre na pauta a apuração dos critérios de escolha da Rússia para sediar o mundial em 2018 e, sobretudo, a indicação do Catar como país-sede em 2022. Possivelmente, assistiremos ao fim de uma política futebolística hegemônica que durou meio século, cuja consequência mais evidente foi a pasteurização do espetáculo esportivo, sob a égide exclusiva do lucro e sob a imposição de uma cobertura midiática que vem se tornando tão tecnologicamente perfeita quanto artificial e previsível. Isso indica uma mudança pela qual a FIFA terá de passar caso as investigações venham a comprovar, ou mesmo aprofundar, as acusações que hoje pesam sobre muitos de seus dirigentes.

## CRISE DAS METÁFORAS: DA “ONU DO FUTEBOL” AO “FMI DA BOLA”

Pode-se dizer que as Copas do Mundo foram capazes de transcender guerras e de inventar um novo modo de integrar e hierarquizar simbolicamente as nações em nome do mérito esportivo e da competitividade.

Quatro personagens cruciais associados à história institucional da FIFA caracterizam as suas diferentes configurações



Em meio a contratos escusos, à ausência de alternância de poder e ao esgarçamento do vínculo entre a Seleção e a torcida brasileira, a CBF vem se afastando de suas responsabilidades públicas.

ao longo dos seus mais de 110 anos de existência: Jules Rimet, Stanley Rous, João Havelange e Joseph Blatter.

Jules Rimet correspondeu ao período francófono da Federação, estando à frente da entidade entre 1921 e 1954. Destacou-se pela pertinácia na emancipação do futebol para a fase profissional, desatrelando o esporte dos Jogos Olímpicos, que, por seu turno, permaneceram ligados ao *ethos* amador do mito de origem greco-romano. Junto ao advento da profissionalização, Rimet adquiriu protagonismo na década de 1930 empenhando esforços diplomáticos para viabilizar as três edições da Taça do Mundo naquele decênio, bem como para reinventar tal tradição logo após a Segunda Guerra, depois de 12 anos sem torneio.

Em seguida, desponta a figura do dirigente Stanley Rous, antigo árbitro de futebol inglês que comandou a FIFA de 1961 a 1974. Sua administração simbolizou a integração dos países da Grã-Bretanha à geopolítica das Copas, uma vez que, de início, esses relutaram a reconhecer a FIFA como representante legítima do futebol associado.

Uma das marcas de sua gestão anglófona foi o avanço das fronteiras da FIFA para além do eixo bicontinental América do Sul/Europa, a partir dos anos 1960, com a entrada de novos países no corpo representativo da entidade, em razão do processo de descolonização, independência e guerras de libertação que irrompeu na África e Ásia. Assim, consagrou a FIFA como a “ONU do futebol”.

Entretanto, quem melhor soube explorar a entrada desses novos países na entidade foi o brasileiro João Havelange, eleito presidente em 1974 graças ao astuto estrategema de cooptar votos dos países africanos, asiáticos e sul-americanos,

que polarizaram contra a hegemonia eurocêntrica de Stanley Rous. Uma vez à frente do poder, Havelange introduziu substantivas transformações na configuração da entidade no último quartel do século XX, a começar pelos patrocínios de empresas multinacionais e pela mercantilização da Copa do Mundo, que se tornou uma marca registrada e passou a contar com mais países participantes: de 16 entre 1954 e 1978, para 24 entre 1982 e 1994, e para 32 a partir de 1998.

Havelange ficou à frente da entidade por 24 anos (1974-1998), mas em certo sentido continuou no poder ao legar a sucessão a seu secretário-geral Sepp Blatter. Sob a condução do discípulo, a FIFA radicalizou o processo de planetarização comercial do torneio e introduziu o conceito de megaevento. Além disso, passou a organizar diversos outros torneios – sub-20, sub-17, copa feminina, futsal, mundial de clubes – multiplicando os contratos de marketing e auferindo recursos astronômicos com os direitos exclusivos de transmissão. No Brasil, a entidade recebeu dos jornalistas mais críticos o epíteto de “novo FMI”, pela antipatia despertada com sua intransigência nas negociações e com seu modo assimétrico de impor aos Estados-nação as “regras do jogo” e o “padrão FIFA” de realização de espetáculos esportivos.

Uma das mudanças significativas que precipitou a crise atual foi o alargamento do arco de países predispostos a sediar a competição quadrienal. Desde os anos 1990, a FIFA tem procurado ampliar a sua representatividade intercontinental para além do revezamento entre países europeus e sul-americanos. A Rússia (que deve sediar a Copa em 2018) e o Catar (em 2022) confirmaram essa

tendência à expansão global. Em contrapartida, o processo decisório frustrou interesses, como os da UEFA, e feriu demandas não atendidas, a exemplo das aspirações das federações inglesa e norte-americana. Este último país foi o pivô da crise internacional que atingiu os congressistas sediados em Zurique em maio deste ano.

## CBF E A CRISE À BRASILEIRA

O envolvimento do Brasil nas denúncias de corrupção não se cingiu apenas à prisão temporária do ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin; nem à fuga precipitada do atual presidente, Marco Polo Del Nero; tampouco às especulações que recaem sobre o empresário brasileiro José Hawilla, fundador da companhia de marketing esportivo Traffic. Essa é somente a ponta do *iceberg*. Um dos tentáculos legados por Havelange em seus 18 anos à frente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a qual presidiu entre 1956 e 1974, e em seus 24 anos de FIFA (1974–1998) foi a personalização do poder também na CBF. A indicação de seu genro, Ricardo Teixeira, para comandar a entidade em 1989 revelar-se-ia longa e perdurou afinal até 2012. Após 23 anos ininterruptos, o dirigente mineiro saiu de cena, estrategicamente, para amainar suspeitas acerca de seu patrimônio e para evitar o desgaste de seu prolongado mandato.

Desde então, a entidade monopolista do futebol nacional vem se distanciando de suas responsabilidades públicas em meio a contratos escusos – que culminaram na instalação da CPI da Nike no biênio 2000–2001 –, à ausência de alternância interna de poder e ao esgarçamento do vínculo entre a Seleção e a torcida brasileira. Esse último aspecto foi em decorrência da ausência de mediação dos clubes nacionais, fortes símbolos de ligação com ídolos esportivos entre os anos 1930 e 1980. Observa-se, assim, a menor identificação dos torcedores com os jogadores que vestem a camisa verde e amarela.

Quanto maior o número de partidas realizadas no exterior – diga-se de passagem, contra equipes em sua maioria insignificantes do ponto de vista técnico –, menor tem sido o interesse da população no selecionado nacional. Desde a década de 1990, as partidas da Seleção Brasileira nos estádios do país tornaram-se raras, uma vez que a CBF e suas empresas patrocinadoras cada vez mais preconizam jogos fora do Brasil, o que lhes proporciona mais benefícios financeiros.

Nos últimos anos, emergiram o grupo Bom Senso, formado por jogadores da elite futebolística nacional, e os atletas-deputados, além de Romário, eleito ao Senado

Assistiremos ao fim de uma política futebolística hegemônica, cuja principal consequência foi o espetáculo esportivo sob a égide do lucro e de uma cobertura midiática que se tornou tão tecnologicamente perfeita quanto artificial e previsível.

da República no ano passado com estrondosa votação. A surpresa eleitoral, neste último caso, foi não só o desempenho do candidato nas urnas mas também a postura crítica mantida desde então pelo ex-atacante em face das estruturas políticas e dos personagens que gerenciam o futebol brasileiro.

## ESPUMA DOS FATOS OU MUDANÇA ESTRUTURAL?

De volta à questão inicial, seria o caso de perguntar: estamos diante somente de uma conjuntura turbulenta, inflada pela onda de denúncias, renúncias, delações, suspeitas e boatos, ou em um momento de inflexão estrutural, prenúncio do esgotamento de um modelo concentrador e autoritário por que passou a política desportiva a partir do último quartel do século XX?

Ao historiador, recomenda-se sempre a cautela na projeção de cenários que se desenrolam sob o calor dos acontecimentos, em meio a um processo ainda em curso, cujos desdobramentos são difíceis de prognosticar. De todo modo, no futuro próximo, estaremos diante de decisões políticas com impacto na estratégia de atuação da agência privada que comanda o futebol transnacional. ●

### PARA SABER MAIS:

- Carlos Eduardo Sarmento. *A construção da Nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- Marcos de Azambuja. *As regras do jogo: como a Fifa se tornou um novo FMI*. In: Revista Piauí, n. 85, outubro de 2013. Disponível em: [revistapiui.estadao.com.br/edicao-85/questoes-diplomatico-desportivas/as-regras-do-jogo](http://revistapiui.estadao.com.br/edicao-85/questoes-diplomatico-desportivas/as-regras-do-jogo)
- José Miguel Wisnik. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Ernesto Rodrigues. *Conversa com JH*. Documentário. Brasil: 2013, 93'. Disponível em: [youtube.com/watch?v=xoCCQ3-fjgU](https://www.youtube.com/watch?v=xoCCQ3-fjgU)

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA > Professor do FGV/CPDOC > [bernardo.hollanda@fgv.br](mailto:bernardo.hollanda@fgv.br)